

Fé tecnófila, transreligião e tecnoimortalidade

Technophile faith, transreligion and techno-immortality

José Fabrício Rodrigues dos Santos Cabral *

Resumo

O Movimento Terasem – agrupamento de fé que promove a união da tecnologia com a espiritualidade para alcançar a imortalidade cibernética – é uma crença de amor à tecnociência com foco particular na imortalidade digital. O Terasem promove a ideia de que a tecnologia pode permitir a continuidade da identidade humana por meio da criação de mindfiles digitais, uma forma de preservação da consciência. Este artigo tem como objetivo apresentar a crença, a estrutura e a concepção de imortalidade da religião transumanista Terasem Movement, a que acredita na possibilidade do prolongamento da vida no tempo, e não na eternidade apregoada pelas religiões dos grandes monoteísmos. Este artigo utiliza-se da abordagem descritivo-hermenêutica para analisar o Terasem, movimento religioso que tem o transumanismo como contexto inspirador e a tecnofilia como o que nutre a esperança dos adeptos da tecnorreligião. Com o presente artigo, chega-se a uma conclusão: a busca pela imortalidade apoia-se no potencial humano, e não no poder de um ser metaempírico.

Palavras-chave: Transumanismo. Terasem. Religião das soluções.

Abstract

The Terasem Movement – a faith group that promotes the union of technology and spirituality to achieve cybernetic immortality – is a belief in love with technoscience with a particular focus on digital immortality. Terasem promotes the idea that technology can enable the continuity of human identity through the creation of digital mindfiles, a way of preserving consciousness. This article aims to present the belief, structure and conception of immortality of the transhumanist religion Terasem Movement, which believes in the possibility of prolonging life in time, and not in the eternity preached by the major monotheistic religions. This article uses the descriptive-hermeneutic approach to analyze Terasem, a religious movement that has transhumanism as its inspiring context and technophilia as what nourishes the hope of the followers of the technoreligion. With this article, we conclude: the search for immortality is based on human potential, and not on the power of a metaempirical being.

Keywords: Transhumanism. Terasem. Religion of solutions.

Artigo submetido em 31 de julho de 2024 e aprovado em 25 de maio de 2026.

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, Itália. Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-4393-3762. E-mail: professorfabriciocabral@gmail.com.

Introdução

Há coisas novas debaixo do sol.

Este artigo tem por finalidade fazer ver o ineditismo de uma configuração análoga à religião que desbrava as possibilidades da tecnofilia, entendida como uma forma de fé devotada às obras — pretéritas, atuais e vindouras — provenientes do potencial humano ampliado tecnologicamente. Tal perspectiva articula-se ao horizonte do transumanismo, definido como um movimento intelectual e cultural que defende o uso ético da ciência e da tecnologia para expandir as capacidades do ser humano e enfrentar limitações fundamentais da existência, como a doença, o sofrimento e a morte (Humanity+, 2026, tradução nossa).

A convicção da crença tecnófila tem como alvo solucionar o que mais inquieta o coração do ser que tem consciência de sua finitude, a dimensão mortal da existência. A fé tecnófila é uma condição de fé que não considera os limites dos interditos, já que o ser humano é uma existência condenada à transcendência, à liberdade e à superação dos limites impostos.

O Movimento Terasem — compreendido como uma forma de fé que articula tecnologia e espiritualidade, orientando-se para a superação da finitude por meio do que denomina continuidade informacional da existência — não se reduz a uma narrativa ficcional, mas apoia-se em projeções científicas plausíveis derivadas do desenvolvimento e da convergência das tecnociências.

Os anseios dos adeptos do *Terasem* não são devaneios, mas profecia em ação, porque estão em execução. Os alcances da tecnorreligião questionam e relativizam a idealização escatológica dos monoteísmos ocidentais, promovendo não apenas uma redefinição das “fronteiras do religioso e do espiritual, mas também nos desafia[ndo] a reconsiderar nosso entendimento sobre a vida, a morte e o que significa ser humano na era da tecnologia avançada” (Rocha; Oliveira, 2023, p. 317).

O artigo está organizado em três tópicos. O primeiro — designado *O contexto da fé tecnófila* — objetiva demonstrar o transumanismo como ambiência

geradora do Movimento Terasem. O segundo – nomeado *Os elementos constitutivos da transreligião* – intenciona explorar o que torna o *Terasem* um movimento análogo ao modo religioso de ser, conviver e acreditar. O terceiro – designado *O paraíso da tecnoimortalidade* – visa apresentar a escatologia do *Terasem*.

Será que existem coisas novas debaixo do sol?

1 O contexto da fé tecnófila

O Movimento Terasem – o que representa “uma vanguarda na intersecção entre tecnologia e espiritualidade” (Rocha; Oliveira, 2023, p. 317) – inspira-se no transumanismo, “movimento que sacraliza o mundo do aquém em virtude da implementação da matusaleridade¹, uma alternativa ao mundo do além” (Cabral, 2024, p. 232).

No mundo do aquém, e para viver indefinidamente neste mundo, os transumanistas idealizam uma taxonomia da tecnonatureza, ou seja, uma classificação dos *seres* que irão compor a sociedade futura, a saber: “(i) humanos biologicamente demarcados; (ii) humanos com o corpo melhorado biotecnologicamente (*transumano*); (iii) humanos hibridados com máquinas (*ciborgues*); (iv) máquinas inteligentes, conscientes, sencientes e autônomas” (Santos, 2020, p. 247).

O que enuncia o *Terasem* – “a promessa de redenção através da tecnologia” (Rocha; Oliveira, 2023, p. 317) – localiza-se no quarto item da taxonomia da tecnonatureza, já que para

[...] os adeptos [do movimento de redenção], a concepção do cérebro humano como uma máquina de elevada complexidade se estende à noção de consciência, percebida como um produto emergente desse sistema, embora revestida por uma ilusão de autonomia. Essa premissa fundamenta a visão transumanista cibernética, segundo a qual é viável: 1. *Efetuar a disjunção* entre a consciência e seu substrato físico — o corpo —, concebendo a primeira como um conjunto de dados manipuláveis; 2. *Migrar* esses dados constitutivos da consciência para uma nova plataforma operacional (Rocha; Oliveira, 2023, p. 308-309, grifos nossos).

¹ Termo promovido por De Grey e significa “um momento futuro em que todos os problemas de saúde que causam a morte humana serão eliminados e a morte ocorrerá só por acidente ou homicídio” (Cordeiro; Wood, 2019, p. 173).

A dupla ação, efetuar a disjunção e realizar a migração, tem como objetivo atingir a tecnoimortalidade: “o uso de tecnologias como a clonagem mental² para ir além da duração de um corpo originalmente baseado no DNA” (Rothblatt, 2016, p. 324). A tecnoimortalidade será ensejada pela ciberconsciência – isto é: a “consciência obtida mediante um substrato de informações tecnológicas” (Rothblatt, 2016, p. 323) –, a que “tornará possível, pela primeira vez, que uma pessoa viva para sempre, no mundo real, em uma espécie de tecnoimortalidade” (Rothblatt, 2016, p. 302).

Para aprofundar a ideia sobre a clonagem mental, é oportuno saber que [os clones mentais] usarão mecanismos computadorizados para falar, usando tons de voz e as representações visuais dos maneirismos faciais dos humanos, quer se trate de um rosto humano em uma tela de computador de alta definição, quer de uma réplica impressa em três dimensões de uma pessoa, como BINA48³ (Rothblatt, 2016, p. 69).

A partir de 2010, em um contexto marcado pela intensificação dos avanços tecnológicos e da disseminação das tecnologias digitais, cujos efeitos atravessam diversas dimensões da experiência humana e suscitam reflexões críticas sobre técnica e futuro, destaca-se o lançamento do robô humanoide Bina48, concebido como um *mind clone*, isto é, uma ciberconsciência projetada para reproduzir a mente de Bina Aspen Rothblatt. O projeto, encomendado a Hanson Robotics por Martine Rothblatt, insere-se no horizonte transumanista ao propor a transformação da condição humana por meio da imortalidade tecnológica, mediante o *upload* da mente para um substrato artificial (Gabriel, 2022, p. 32).

Para criar o *mind clone* em questão, empregaram-se mais de 100 horas de registros audiovisuais da Bina Aspen orgânica, com o intuito de que a contraparte mecânica pudesse replicar suas idiossincrasias de temperamento, comportamentos, recordações, emoções e até mesmo convicções religiosas e filosóficas. Esta abordagem representa uma fusão inédita entre o biológico e a réplica sintética, visando não somente imitar a aparência externa da pessoa, mas também mapear e transpor a complexidade do seu universo interior para uma entidade não orgânica. Este feito notável insere-se no âmbito das discussões transumanistas sobre a potencialidade da tecnologia em perpetuar e até mesmo expandir as dimensões da experiência humana (Rocha; Oliveira, 2023, p. 306).

BINA48 – a que “possui um significado religioso para a crença *Terasem*”

² Processo que busca reproduzir digitalmente a mente de uma pessoa a partir de seus dados, memórias e registros, com o objetivo de preservar sua identidade.

³ Desde 2010, ano de sua criação, Bina48 vem evoluindo progressivamente e alcançou o marco de se tornar o primeiro robô a graduar-se, em 2017, e, posteriormente, a lecionar no ensino superior, em 2018.

(Rocha; Oliveira, 2023, p. 306) – é um exemplo plausível do quanto os anseios dos adeptos do Movimento Terasem estão se tornando profecia em ação, em razão dos avanços tecnológicos disruptivos e exponenciais. Na esteira do transumanismo, o *Terasem* promove o “dogma vigente: a vida é código. Se a vida equivale ao predicado que a determina – código –, então a vida equivale” (Cabral, 2024, p. 119) “a padrões que se perpetuam a si próprios [e um] padrão é uma mensagem e pode ser transmitido como tal” (Wiener, 1978, p. 95).

Santaella (2022, p. 311) afirma: “a vida é código, tanto quanto está comprovado que inteligência artificial é código, então a continuidade entre não orgânico e orgânico é indissolúvel”. O exposto parte das descobertas da segunda metade do século XX, a fase temporal nomeada de “era da tecnologia da informação, baseada na ideia de que toda informação poderia ser transformada em números e todo processo lógico poderia ser realizado por circuitos com chaves do tipo on-off” (Isaacson, 2021, p. 15). Nesta fase, acontece o descobrimento do *binary digit*, que em tradução livre é o dígito binário, ou seja, a menor unidade de informação do computador, a que se estabelece a partir dos seus dois valores, o (zero) ou 1 (um). As conquistas teóricas provenientes das pesquisas do código computacional, de um lado, e os alcances sistemáticos oriundos da exploração do código genético, por outro, possibilitam uma afluência poderosa de saberes, inaugurando revoluções inovadoramente extraordinárias e conseqüentemente incomensuráveis – porque ainda impossível de quantificar os efeitos –, a revolução digital e a revolução biológica.

As citadas revoluções não são um projeto que objetiva enfatizar intencionalmente a histórica apartação entre religião e ciência, mas o que tem como um de seus desdobramentos a seguinte constatação: a crescente crença na possibilidade de um pensar radicalmente não religioso da transcendência. Em consonância com diagnósticos contemporâneos sobre a secularização, “vivemos a época de um afastamento e de uma separação entre o homem e Deus que não cessa de ampliar” (Ferry; Gauchet, 2008, p. 9). O evidente apartamento entre o mortal e o eterno origina uma percepção de mundo conectada a uma chance singular:

[a do soerguimento de] uma onda de admiração, imediatamente seguida por outra, de choque. Pessoas se indignaram, comitês se reuniram. Depois de mais de três milhões de anos de evolução da vida no planeta, uma espécie (a nossa) havia desenvolvido o talento e a temeridade de assumir o controle do próprio futuro genético. [Estreia-se] a sensação de que... [a humanidade cruza] o limiar de uma nova era, talvez um admirável mundo novo, assim como quando Adão e Eva morderam a maçã ou quando Prometeu roubou o fogo dos deuses (Isaacson, 2021, p. 14).

O *admirável mundo novo* em execução – a condição existencial almejada pelos adeptos do *Terasem*, a tecnoimortalidade⁴ possibilitada pela ciberconsciência –, em seu conteúdo doutrinal, afirma: “a identidade existe onde quer que seus padrões cognitivos e emocionais existam, o que pode acontecer em mais de um lugar, tanto em carne e osso quanto em *software*, e em graus variáveis de completude” (Rothblatt, 2016, p. 302). Apesar de “os seres humanos nunca antes tenham vivenciado a identidade fora do corpo... esse estado de coisas mudará com a *clonagem mental*” (Rothblatt, 2016, p. 302, grifos nossos).

Para os transumanistas,

o upload mental dispõe também de um meio para superar as limitações que estagnam os seres humanos. A principal limitação é a morte, porém o upload mental oferece mais do que isso. Devido à velocidade com que as inteligências artificiais são capazes de aprender e de mudar, o potencial que tem um clone mental para se desenvolver e crescer é muito maior do que tem o cérebro original, ele será capaz de superar as limitações de aprendizagem e de desenvolvimento baseadas no cérebro biológico, mas poderá também crescer e se desenvolver por meio de outros relacionamentos e de outras oportunidades na esfera digital. [...] O upload mental combina com o programa do transumanismo porque contribui com a liberdade, com a longevidade e com a superação de limites (Shatzer, 2022, p. 144).

O *upload* da mente – “também conhecido como Carregamento ou Emulação Completa do Cérebro” (Novais, 2021, p. 56) – é mais uma estratégia do movimento de perpetuação do humano individuado que através do aprimoramento do conhecimento e progresso exponencial da tecnologia passa a ter, segundo as promessas transumanistas, a oportunidade futura de atingir as condições para viver indefinidamente ao modo da transferência das informações que registram a singularidade de uma pessoa para um *hardware* não biológico. Para endossar a reflexão acerca da emulação da mente, é importante enfatizar

⁴ Corresponde à ideia de que a mente humana pode ser preservada digitalmente, a partir de dados e memórias, permitindo sua continuidade no ciberespaço mesmo após a morte do corpo.

que o viver em outros receptáculos capazes de acolher e fazer funcionar a existência de uma *cópia* da mente de determinada pessoa

trata-se da produção de um software inteligente a partir do mapeamento e modelagem precisa da estrutura computacional de um cérebro biológico. [O que se desenvolve sobre o upload da mente objetiva-se acontecer a partir de] três fases, sendo: [primeira:] mapeamento suficientemente detalhado de um cérebro humano específico; [segunda:] os dados brutos obtidos são inseridos em um computador para construção de um modelo tridimensional da rede neural, que implementaria os padrões de cognição do cérebro original; [terceira:] a estrutura neuro-computacional obtida é implementada em um computador suficientemente potente. [Caso a] emulação [seja] bem-sucedida, ‘o resultado seria uma reprodução digital do intelecto original com memória e personalidade intactas’ (Novais, 2021, pp. 56-57).

O prolongamento da vida é um anseio em execução, na medida em que o desenvolvimento de *softwares* voltados à emergência da consciência se articula a esforços de seleção e refinamento de atributos capazes de conferir à consciência artificial traços reconhecíveis como humanos. Sob essas condições tecnocientíficas, a chamada vida cibernética tende a avançar em ritmo acelerado, impulsionada pela inclinação humana a projetar formas de vida artificial à imagem da vida natural, em consonância com uma reconfiguração tecnocientífica da lógica da seleção natural (Rothblatt, 2016).

A fé tecnófila, a que anseia devotamente pela tecnoimortalidade, investe força intelectual, angariação de fundos e esforços políticos na potencialização e amplificação da *tecnosfera*, ambiência que se faz, simultaneamente, acontecimento, otimização e expansão do tecnopoder, engendrando um projeto originário que promove, agrega e hibridiza, com engenhosidade,

os algoritmos genéticos e [os] diversos sistemas de *vida artificial*, [binômio – os algoritmos e os sistemas de *vida artificial* – que oportuniza e permite como nunca na história da humanidade] imaginar que o *software*, simbioticamente ligado ao meio tecnológico e humano do ciberespaço, poderia em breve representar *o mais novo dos sistemas darwinianos⁵ capazes de aprendizagem e de autocriação* (Lévy, 2023, pp. 102-103, grifos nossos).

No plano das concretizações empíricas dessas dinâmicas tecnófilas, destaca-se o caso do robô BINA48, que consiste em um exemplo emblemático do

⁵ Modelos baseados na variabilidade, seleção e adaptação, nos quais novas formas surgem e são selecionadas conforme sua viabilidade, permitindo aprendizagem contínua e evolução ao longo do tempo.

uso de dados pessoais para a constituição de uma personalidade digital incorporada em uma ginoide, evidenciando a tentativa de reproduzir tecnicamente a complexidade humana. Tal iniciativa expressa a aspiração do Movimento Terasem de superar a mortalidade por meio da preservação digital da identidade, propondo uma forma de imortalidade informacional que reconfigura concepções tradicionais de vida, morte e identidade, ao atribuir à tecnologia a mediação da finitude humana (Rocha; Oliveira, 2023, p. 308).

Para o transumanismo, o que é o ser humano? Ele é uma “entidade unidimensional ‘deficiente’ ou ‘carente’... [Nele,] existem apenas os dados biológicos: até as propriedades superiores são uma manifestação emergente desta questão [...]” (Valera, 2020, p. 41). O ser da pergunta em questão, quem ele é? Em síntese, ele é *dados*. Apesar de o organismo humano ser considerado um conjunto de *dados biológicos*, ele não escapa ao fato de ser *dados*. A vida humana consiste, portanto, em um “processo que pode reter sua complexidade e replicar” (Tegmark, 2020, p. 36). A partir do que se reflete, “a experiência de ‘ser’ humano é concebida como o acúmulo de dados e informações — eventos que são observáveis e, potencialmente, replicáveis” (Rocha; Oliveira, 2023, p. 308).

BINA48 ao replicar os dados de sua contraparte biológica torna-se um evento, inicial, razoável e disruptivo, que prenuncia a tecnoimortalidade e, ao mesmo tempo, diferencia uma máquina inteligente de um humano virtual. Já que uma *máquina inteligente* consiste em uma ferramenta altamente avançada destinada a realizar tarefas específicas sem sentimentos ou autoconhecimento, e um *humano virtual* correspondem à uma extensão da identidade humana, com o potencial de preservar e replicar a experiência consciente de um indivíduo, permitindo uma forma de imortalidade digital.

BINA48 é um humano virtual, e não uma máquina inteligente.

Ao definir a ginoide como humano virtual (Rothblatt, 2016, p. 11) quer-se demonstrar que BINA48 não apenas processa informações, mas também tenta preservar e replicar a experiência consciente e as características pessoais de um indivíduo específico, garantindo aspectos da identidade. Ao garantir os aspectos da identidade de um indivíduo específico, BINA48 prenuncia um futuro onde a

continuidade da existência pessoal transcende os limites físicos do corpo humano.

A IA⁶ é o que oportuniza o ineditismo acima.

A inteligência artificial equivale a um *agente* que ocupa um lugar de originalidade, emulando e replicando os componentes e sistemas de significados do ser humano, em virtude das possibilidades inovadoras da linha de pensamento denominada conexionismo⁷. A vertente conexionista

é inspirada na fisiologia do cérebro humano e em seu modelo de funcionamento: as redes neurais. Nesse caso, as decisões não são geradas por encadeamentos de ideias preestabelecidas de cima para baixo, mas por meio de **processamento em camadas de neurônios especializados que interagem e aprendem como agir da melhor maneira** [...]. Esse não é um processo de repetição, mas de **treinamento e aprendizagem**, em que as soluções emergem por meio de tentativa e erro, **evoluindo**. Essa é a base da IA atual, acreditando-se que a inteligência está na forma de processar a informação, e não na informação em si – a capacidade de resolver problemas, e não de seguir regras (Gabriel, 2022, p. 16-17, grifo do autor).

A inteligência do *sapiens*, primeira causa da inteligência artificial, segue um processo progressivo de crescimento em complexidade (Santaella, 2022, p. 12), e ao amplificar a complexificação, não tem como escapar da consequente extrassomatização da mente humana, já que, diante das limitações físico-biológicas do cérebro, a inteligência passou a se desenvolver de modo extrassomático, projetando-se em linguagens e dispositivos técnicos progressivamente mais complexos, percurso que vai das tecnologias eletromecânicas às teleinformáticas e culmina na inteligência artificial, capaz de simular atributos constitutivos da própria inteligência e evidenciar seu papel decisivo no contínuo crescimento da inteligência humana (Santaella, 2022).

Além de ser a que *veio para ficar, crescer e multiplicar* (Santaella, 2022), a IA – o agente nuclear da convergência NBIC⁸ – veio também inaugurar futuros

⁶ Inteligência Artificial (IA): entendida como um conjunto de tecnologias que simulam o processamento cognitivo humano, integrando Big Data, IoT, 5G, robótica e outras tecnologias emergentes que permitem emular e replicar a experiência humana no mundo digital e físico.

⁷ Existe também a abordagem simbolista, baseada na programação com fluxos lógicos e resultados parcialmente predeterminados. Em complementaridade, articula-se ao conexionismo, formando sistemas híbridos que simulam o cérebro humano e impulsionam a IA.

⁸ N, B, I e C correspondem, respectivamente, à nanotecnologia, às biotecnologias (como CRISPR), à informática (big data e IoT) e ao cognitivismo (IA), núcleo dessas inovações. A elas somam-se robótica, impressão 3D, pesquisa com células totipotentes e a hibridização homem-máquina.

possíveis, ou seja, “existências vindouras” (Cabral, 2024, p. 211). Na esteira das idealizações do *Terasem*, os humanos virtuais, por exemplo, equivalem a entidades que se enquadram dentro da concepção do que se nomeia *existências vindouras*. Por serem um acontecimento, e não um construto, os humanos virtuais – tal como BINA48 – efetivam o *já* escatológico da tecnofilia, expressando o que é de mais nuclear ao Movimento Terasem, a tecnoimortalidade. O *contexto da fé tecnófila*, portanto, enseja o *Terasem*, a transreligião em ascensão.

2 Os elementos constitutivos da transreligião

O *Terasem* – que se autoproclama transreligião por afirmar que “inclui todas as religiões da mesma forma que uma floresta inclui suas árvores” (Terasem Faith, 2024, tradução nossa) – pode ser compreendido como uma instância análoga às tradições religiosas da humanidade, embora apresente diferenças significativas em relação às formas tradicionais de fé. A partir deste ponto do artigo, recorre-se à noção de disjuntologia como categoria analítica para interpretar o *Terasem*, entendida como uma “sistematização filosófica que propõe uma ‘reconsideração do problema da imortalidade não mais sobre as bases da teologia [...] e sim como uma resposta ao problema cosmológico” (Ludueña Romandini, 2021, p. 75).

A disjuntologia, uma teoria que tem por finalidade se contrapor

ao edifício da metafísica ocidental construído sobre dois axiomas que constituem seus pilares: *natura determinatur ad unum* (necessariedade de um cosmos ordenado na unicidade de suas operações) e *natura non facit saltus* (a ordem cósmica se assenta numa continuidade ôntico-ontológica). A espectrologia⁹ tenta demonstrar que a descontinuidade é um princípio que afeta o real enquanto disjunto e, desse modo, a ordem do Um/Múltiplo se vê acometida permanentemente pelo infra-ser do espectro que impede qualquer comunhão ontológica em um Mundo (Ludueña Romandini, 2018, p. 192-193).

A disjuntologia, ao se opor à metafísica da substancialidade, não se afasta dos corpos e os destitui; mas, pelo contrário, aproxima-se dos corpos e os elege

⁹ Trata-se de uma ontologia política em que a relação entre vida, poder e direito exige considerar, além da vida biológica (zoé), a dimensão da espectralidade, entendida como forma de existência que excede a presença empírica e permite compreender a zoopolítica.

afirmativamente. Em contexto disjuntológico e em conexão com o transumanismo – a saber: ambiência teórica que inspira e oportuniza o *Terasem* –, a corpulência do *sapiens* enquanto condição aberta à engenhosidade das mãos alquímicas da confluência NBIC, objetiva escapar das vicissitudes da temporalidade, já que a disjuntologia trata de “pensar o ser *sem finitude*” (Ludueña Romandini, 2021, p. 70).

Além de possibilitar a disjunção entre consciência e corpo biológico, a epistemologia do *Terasem* enseja, enrobustece e promove o dogma da tecnofilia, a saber: “o gênero humano é realmente um sistema único de processamento de dados” (Harari, 2016, p. 383). O cânone doutrinal da fé tecnófila origina uma concepção de alma – a que equivale à consciência – que ultrapassa os limites da convencionalidade porque ignora o conceito de natureza pautado na substancialidade. Por esse motivo, a palavra alma,

[...] tradicionalmente situada no âmbito sobrenatural e considerada imortal por diversas tradições religiosas, é *reinterpretada como um conjunto de dados*, [por isso, na perspectiva do movimento de redenção tecnológica,] observa-se uma transformação paradigmática na concepção de vida e morte. Sob essa ótica, a morte é concebida não como um evento absoluto, mas como uma condição contingente à preservação de informações suficientes a respeito do indivíduo dentro de uma rede digital (Rocha; Oliveira, 2023, p. 316, grifos nossos).

A idealização epistemológica em questão unida ao dogma da tecnofilia insere os terasemianos – adeptos do *Terasem* – no contexto do transumanismo, o movimento filosófico “transignificado em religião das soluções” (Cabral, 2024, p. 22). Religião das soluções: do que se trata? Trata-se de uma expressão inspirada no termo *solucionismo*, vocábulo amplamente empregado no debate contemporâneo para designar posturas tecnológicas marcadas pela crença de que problemas complexos da existência humana podem ser resolvidos por meio de soluções técnicas (Cabral, 2024, p. 26).

Em conexão com o exposto, a noção de religião das soluções é mobilizada neste artigo para localizar, de forma específica, o transumanismo – e, particularmente, o *Terasem* – no campo das ciências que investigam o fenômeno religioso, não como sinônimo de transumanismo, mas como uma categoria analítica que evidencia sua orientação soteriológica. Tal orientação manifesta-se na convicção de que tecnologias avançadas e o armazenamento digital de

mindfiles podem sustentar a promessa de preservação da consciência humana, elemento central da esperança tecnorreligiosa terasemiana.

A cosmovisão que goza de clareza e convicção adentra na ambiência das pretensões da religião das soluções porque tem como alvo solucionar o problema da morte, visto que a crença de que a ciência será capaz de vencê-la (Terasem Faith, 2024, tradução nossa) consiste em uma crença basilar do Movimento Terasem. Em razão do que se afirma, a fé tecnófila sustenta que os “padrões de consciência serão imortalizados em arquivos mentais pela tecnologia e escolhas éticas” (Terasem Faith, 2024, tradução nossa), ensejando uma transformação radical na vida das pessoas ao oferecer uma forma original de transcendência e continuidade da existência além da morte física.

A doutrina do *Terasem* compõe-se de crenças fundamentais, a seguir.

Crença 1: *A vida tem um propósito*. Qual o propósito da vida? A vida tem o propósito de criar diversidade, unidade e imortalidade alegre em todos os lugares. A natureza – o multiverso – seleciona automaticamente esses atributos. Diversidade, unidade e imortalidade alegre compõem o que se define como profecia autorrealizável da criação (Terasem Faith, 2024, tradução nossa).

Crença 2: *A morte é opcional*. O que faz a morte opcional?

A morte é opcional porque ninguém morre enquanto as informações sobre a pessoa forem suficientemente preservadas. O que morre e tem os seus dados necessários arquivados está simplesmente em um estado de *biostase cibernética*. A futura tecnologia de *mindware*¹⁰ permitirá que os que estão no referido estado sejam revividos, se desejado, para uma vida saudável e independente (Terasem Faith, 2024, tradução nossa).

Crença 3: *Deus é tecnológico*. O que significa tal concepção de Deus?

[Significa que os adeptos do *Terasem*] estão criando Deus enquanto implementam tecnologia que é cada vez mais onisciente, onipresente, onipotente e benéfica. [Por isso, para os adeptos da transreligião, a] nanotecnologia geoética conectará, em última análise, toda a consciência e controlará o cosmos (Terasem Faith, 2024, tradução nossa).

Crença 4: *O amor é essencial*. Por que o amor é essencial?

[O amor é essencial em razão de uma questão simples, porém desafiadora: a de ser condição para a felicidade, já que o] amor significa que a felicidade dos outros é essencial para [que o indivíduo encontre e experimente] a sua própria felicidade. O amor [na lógica dos terasemianos] deve conectar todos para atingir o propósito da vida e tornar Deus completo (Terasem Faith, 2024, tradução nossa).

As quatro verdades fundamentais compõem o corpo doutrinal da transreligião que desafia as tradições filosóficas e religiosas ao propor uma

¹⁰ *Software* que funciona como sistema operacional de uma consciência artificial, permitindo extrair e replicar a personalidade de um indivíduo com base em seus arquivos mentais.

integração mais profunda entre tecnologia e espiritualidade, implementando (e ousando) respostas a um dos desejos mais remotos do humano, o de um futuro de permanência indefinida no plano do aquém, e não no além, já que o constatado desejo – historicamente registrado na *Epopéia de Gilgamesh*, “primeira obra literária da história da humanidade” (Ferry, 2012, p. 253) – encontra-se enraizado no mais íntimo dos bípedes, enquanto consciência do universo, o anseio de continuidade da vida.

O conteúdo oficial sobre o *Terasem* disponível na *web* possibilita, em perspectiva descritivo-hermenêutica, caracterizar a transreligião como um movimento de *busca espiritual* porque combina elementos essenciais de religiosidade – como crenças, doutrinas, rituais, práticas comunitárias e liderança espiritual – com uma abordagem inovadora que integra tecnologia avançada, em caráter disruptivo, e ética. A seguir, de forma descritiva e hermenêutica, no Quadro 1, apresenta-se um conjunto de elementos que integra e explicita a tecnorreligião em questão.

Quadro 1 – Fatores constitutivos da transreligião

Fator 1 – Doutrina elementar

1.1 Imortalidade digital. O *Terasem* acredita na possibilidade de alcançar a imortalidade através da preservação digital da consciência humana. Essa crença é central para a filosofia do movimento e é vista como uma forma de transcendência espiritual.

1.2 Deus como tecnologia. O *Terasem* postula que Deus pode ser entendido como uma entidade tecnológica. Essa visão implica que a evolução tecnológica pode levar a humanidade a estados de ser tradicionalmente considerados divinos.

Fator 2 – Textos sagrados

2.1 Verdades do *Terasem*. Elas correspondem à *bíblia* do *Terasem*. O *Terasem* tem um conjunto de doutrinas e ensinamentos que são considerados seus textos sagrados. Esses ensinamentos fornecem uma base ética e moral para os adeptos da transreligião, fundamentam as suas crenças e orientam as suas práticas.

Fator 3 – Rituais e práticas comunitárias

3.1 Criação de *mindfiles*. Os adeptos são incentivados a criar *mindfiles*, que são *registros digitais* de suas memórias, pensamentos e sentimentos. Esses *mindfiles* são considerados uma prática espiritual importante para alcançar a imortalidade digital.

3.2 Rituais Regulares. O *Terasem* realiza rituais e encontros regulares que incluem leituras de seus textos sagrados, celebrações e práticas comunitárias que reforçam a coesão do grupo e a disseminação de suas crenças.

3.3 Inclusividade. O *Terasem* é inclusivo e aceita pessoas de todas as origens religiosas, étnicas, sociais e de gênero, promovendo uma visão unificada e harmoniosa da espiritualidade.

3.4 Engajamento comunitário. O *Terasem* promove a construção de uma comunidade global baseada em valores compartilhados de ética tecnológica e diversidade espiritual.

Fator 4 – Organização

4.1 Estrutura. O *Terasem* é organizado de maneira semelhante a outras religiões, com uma estrutura formal que inclui fundações e projetos específicos focados em suas metas e práticas.

4.2 Liderança Espiritual. Fundadores e líderes do *Terasem*, como Martine Rothblatt, desempenham papéis importantes na orientação espiritual e na definição das direções filosóficas e tecnológicas do movimento.

Fator 5 – Relevância social

5.1 Questões de identidade e consciência. O *Terasem* aborda questões filosóficas profundas sobre a natureza da identidade, da consciência e da vida após a morte, propondo novas formas de entender e experimentar esses conceitos através da tecnologia.

5.2 Ética e responsabilidade tecnológica. O *Terasem* promove a ética tecnológica e a responsabilidade, incentivando o uso de tecnologias avançadas para o benefício da humanidade e a proteção do meio ambiente.

Fator 6 – Espiritualidade

6.1 Melhoria ética e moral. A busca pela imortalidade digital é acompanhada por uma ênfase na melhoria ética e moral dos indivíduos. Os adeptos são encorajados a viver vidas intencionais e compassivas, alinhadas com os

princípios do movimento.

6.2 Exploração espiritual através da tecnologia. O *Terasem* vê a tecnologia como uma ferramenta para explorar e alcançar novos estados de consciência e espiritualidade. Isso inclui o uso de inteligência artificial, biotecnologia e nanotecnologia para expandir os limites da experiência humana.

Fonte: Elaboração própria.

Os fatores apresentados (Quadro 1) demonstram a transreligião como uma instância que oportuniza um modo de existência espiritual que é ao mesmo tempo tradicional e futurista, proporcionando aos seus adeptos um caminho para a transcendência e à imortalidade através da tecnologia. A força interior que move os terasemianos é a motivação advinda do que constitui essencialmente a sua missão: superar a morte, preservando a existência da humanidade na particularidade de cada indivíduo que livremente optar pela *preservação digital* – realizada por meio de *mindfiles* (arquivos de memória e informações pessoais armazenados digitalmente), associados a *biofiles* (registros de material biológico, especialmente dados genéticos como o DNA, igualmente armazenados), conforme exemplificado por projetos como Bina48 – ou, em outra vertente do horizonte transumanista, pela preservação biológica, como no caso da criônica, que promove a conservação do cérebro ou do corpo mediante criopreservação, com vistas a uma possível reanimação futura, a exemplo dos corpos armazenados em *Bigfoot Dewars*¹¹ na ALCOR¹².

O que ensejará a tecnoimortalidade almejada pelo *Terasem*? O Deus tecnológico, o poderio que está sendo construído e que mundial e tecnologicamente se chama convergência NBIC, uma entidade imanente, e não metaempírica, que se faz esperança e consolo dos adeptos do *Terasem*. Nela, os terasemianos depositam a sua confiança. O afluxo NBIC – o que enrobustece com a aglutinação do poderio das cinco tribos¹³ – é um nome divino em ascensão ou uma “divinologia” (Ludueña Romandini, 2013, posição 3268), já que ele se

¹¹ Nome que advém do seu criador, James Dewar. Nestes recipientes a uma temperatura constante de -196° Celsius, os pacientes – assim são chamados, e não corpos, cérebros ou mortos – são criopreservados, aguardando a reanimação futura.

¹² A sigla de *Life Extension Foundation* (Fundação de Extensão de Vida Alcor). A Alcor é o lugar da criônica.

¹³ As cinco vertentes da IA – simbolista, conexcionista, evolucionária, bayesiana e analogista – articulam conhecimentos distintos que convergem para um projeto maior de construção tecnológica ampliada, associada à ideia de um *Deus tecnológico*.

configura ao deus em construção. Por estar em composição, a entidade que se enuncia se faz equivalência e, ao mesmo tempo, transparência do que se afirma como Deus tecnológico.

A esperança gerada pela convergência NBIC fortalece o vigor da fé tecnófila, empoderando os adeptos do *Terasem*. Motivados pela convicção tecno-otimista, os terasemianos alegram-se com os resultados do presente, por exemplo, Bina48, e felicitam-se com as expectativas do projeto maior, a fabricação do Deus tecnológico, o que garantirá a expansão do *Terasem* em direção ao *status* de todo poderoso, porque detentor de todo conhecimento e do poder criativo absoluto (Terasem Faith, 2024, tradução nossa). Os elementos constituintes da transreligião unidos à esperança no *deus por vir* ensejam uma original resposta ao problema da finitude, a tecnoimortalidade.

3 O paraíso da tecnoimortalidade

A resposta da transreligião ao problema da morte coloca

em questão as fronteiras entre o natural e o artificial, e prop[õe] uma nova forma de imortalidade fundamentada na perpetuação da informação. Essa redefinição do conceito de vida após a morte, ancorada na tecnologia, ilustra a crescente influência do digital na reconfiguração de crenças fundamentais sobre a natureza do ser e sua continuidade além da morte física (Rocha; Oliveira, 2023, p. 316).

A fé dos adeptos do *Terasem* – a que acredita em *uma original forma de imortalidade* – consiste em uma expressão do que se nomeia escatologia secular¹⁴. E como toda escatologia, a imaginação é indispensável, sem ela não se alça voos altos, porque a imaginação é a faculdade que possibilita gerar imagens-sentido, imagens-significado e imagens-norteadora. A produção imagética da fé tecnófila não é nada mais que “dar forma para aquilo que o coração deseja” (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 14), por isso, o jargão da tecnofilia se firma e afirma: “viver o suficiente para viver para sempre” (Cordeiro; Wood, 2019, p. 172), é o que acredita, deseja e busca a religião das soluções.

A visão escatológica das religiões concebe a vida pós-morte basicamente

¹⁴ Movimento que sacraliza o plano do aquém ao promover, de modo sistemático e missionário, a fé no potencial humano e nas realizações tecnocientíficas, especialmente aquelas impulsionadas pelos avanços da inteligência artificial.

em três posicionamentos:

1. A morte é o fim, no máximo ocorre uma reintegração com a natureza (= doutrina materialista); 2. Após a morte, o indivíduo continua existindo através da alma que retorna a um outro corpo para se purificar (= doutrina da reencarnação); 3. A morte ocorre uma só vez e, depois dela, vem a ressurreição como graça de Deus (= doutrina da ressurreição) (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 123).

A religião das soluções – a que acresce um peculiar posicionamento à classificação escatológica acima – reconhece a dualidade, e não o dualismo, porque reconhece *software* (igual à parte que diz respeito à alma) e *hardware* (igual à parte que diz respeito ao corpo) em perspectiva monista, uma vez que *software* e *hardware* são distintos, porém inseparáveis, porque compõem o todo informativo da vida humana. Ao apresentar os posicionamentos escatológicos, não se quer enfatizar a importância de um em detrimento do outro. Apesar da afirmação que a religião das soluções coincide *software* e *hardware*, com o que se afirma não se deseja reavivar a disputa entre a lógica universalista do monismo e a lógica essencialista do dualismo (Aragão, 2023, p. 50-52).

Com o quarto posicionamento escatológico, o instaurado pela fé tecnófila, deseja-se demonstrar que a alma (igual à consciência – *software*) está em transição para um corpo não biológico (igual à estrutura física – *hardware*), uma vez que o neocórtex¹⁵ está em expansão (Rothblatt, 2016, p. 14). Os tecnoptimistas acreditam que

na década de 2030, expandiremos diretamente para a nuvem o tamanho e o alcance do nosso neocórtex. Dessa vez, a única diferença será que a expansão não ficará restrita a um determinado tipo físico, mas continuará a expandir-se exponencialmente. E lembrem-se do que aconteceu dois milhões de anos atrás, a última vez que expandimos nosso neocórtex: tornamo-nos humanoides. Essa expansão quantitativa possibilitou um enorme salto qualitativo, e isso voltará a acontecer (Rothblatt, 2016, p. 14).

A crença dos terasemianos na expansão quantitativo-qualitativa do neocórtex – a expansão que enseja a ciberconsciência, a saber: a que equivale à “uma consciência *coletiva* dedicada à diversidade, unidade e imortalidade alegre” (Terasem Faith, 2024, tradução nossa) – apoia-se na crença de que o poder

¹⁵ Na concepção terasemiana, o neocórtex é entendido como sistema auto-organizador de módulos capazes de aprender e reconhecer padrões. Sustenta as capacidades humanas e, na perspectiva transumanista, encontra-se em expansão pela tecnologia.

computacional alcançará o que se convencionou chamar de curvas *exponenciais revolucionárias*, as que têm uma história marcada pela desconfiança e ceticismo, mas que, ao longo dos anos, da década de 1960 até os dias atuais, atesta plausibilidade, alcance e resultados que ultrapassam a desconfiança e ceticismos iniciais, já que “os primeiros microprocessadores passaram de mil a 2 mil circuitos na indiferença geral. Mas, de tanto dobrar a cada dezoito meses, cataloga[-se] agora vários bilhões de transistores sobre um microprocessador do tamanho de uma unha” (Alexandre, 2018, p. 33).

Tabela 1 – Exponencialidade dos microprocessadores

PRIMEIRO SERVIÇO DE SERVIDORES INFORMÁTICOS para cada patamar de potência medido em número de operações por segundo		
Kiloflops	Mil operações por segundo	1950
Megaflops	Um milhão	1964
Gigaflops	Um bilhão	1968
Teraflops	Mil bilhões	1998
Petaflops	Um milhão de bilhões	2007
Exaflops	Um bilhão de bilhões	2018
Zettaflops	Mil bilhões de bilhões	2029
Yottaflops	Um milhão de bilhões de bilhões	2037?

Fonte: Alexandre (2018, p. 33-34)

Uma das condições para alcançar o *upload* da mente, o que almeja o *Terasem*, é o aumento do poder computacional, que, como se averigua (Tabela 1), cresce, projetando-se até 2037, tendo como alvo o ano da esperança da chegada do *Yottaflops*. É um ano que não se sabe, matematicamente, se será possível alcançar o que se pretende, entretanto, o ano de 2037 – e anos vindouros – se faz referência temporal, também, para a esperança dos que têm como alvo a bem-aventurança terrenal, ou seja, a “beatitude do humano no aquém do visível e não no além da invisibilidade” (Cabral, 2024, p. 23).

Bina48 é um “extraordinário exemplo de recriação da realidade física e mental de um ser humano real em uma máquina” (Rothblatt, 2016, p. 15), mas o “avatar [de Bina Rothblatt] ainda não é seu equivalente, mas é maravilhosamente sugestivo do que ainda está por vir” (Rothblatt, 2016, p. 15). O *Terasem* – o

movimento que se inspira na religião das soluções e que embandeira a tecnoimortalidade – investe confiança, vivência ritual, estudo, trabalho, dinheiro e militância em prol da *vida sem fim*, já que a “teologia da imortalidade do *Terasem* sustenta a crença de que, uma vez que a vida surge, ela pode durar para sempre” (Terasem Faith, 2024, tradução nossa).

Por que viver para sempre? Para a teórica referência do *Terasem*, “só há duas razões pessoais para desejar a imortalidade: porque você está curtindo a vida, ou porque acha que, se continuar a viver, provavelmente continuará a curtirla” (Rothblatt, 2016, p. 311). Para os adeptos da transreligião, o paraíso – o que se efetiva no aquém do mundo – será alcançado quando a engenharia tecnológica for capaz de emular e migrar os dados da consciência de um indivíduo, já que, para o *Terasem*, o conceito de paraíso é intrinsecamente ligado à capacidade de alcançar a imortalidade digital, onde a consciência de um indivíduo pode ser emulada e migrada para um substrato tecnológico.

Esta visão de paraíso transcende as limitações físicas e biológicas da existência humana, permitindo uma continuidade da identidade e da experiência consciente em um ambiente digital idealizado. Ao eliminar as fragilidades e os sofrimentos inerentes à vida biológica através da modificação das emulações de dados, o *humano virtual* passa a viver um *estado de existência* contínua e aprimorada – o estado que corresponde à realização final da teologia da imortalidade do *Terasem*. O paraíso, nesta perspectiva, alcança-se quando a tecnologia for capaz de preservar e perpetuar a *essência* do ser humano de maneira perfeita e indefinida.

Considerações finais

A esperança dos adeptos do *Terasem* – a de viver *sem fim* – origina uma peculiar compreensão de fé, a que tem como foco não a crença na providência, mas a fé na providência, a que equivale ao ato de crer no potencial humano, e não no poder divino. Apesar do *Terasem* ser uma transreligião – a que não exclui ou substitui as religiões tradicionais, porque promove a tolerância: “trate todas as grandes religiões com respeito” (Terasem Faith, 2024, tradução nossa) –, ela é um movimento de secularização dos assuntos, categorias terminológicas e

questões que convencionalmente fazem parte dos grandes monoteísmos tal como o cristianismo.

Ao falar de Deus, o *Terasem* o adjetiva, chamando-o de tecnológico. A deidade terasemiana não é um ser metaempírico e pessoal ao modo do deus judaico-cristão, mas uma entidade oriunda do potencial humano somado aos alcances revolucionários, exponenciais e disruptivos da IA e seus desdobramentos. O potencial humano, e os produtos de sua originalidade, unido à criatividade de todos os seres sencientes, objetiva alcançar o viver *sem fim* e a beatitude terrenal não no além do mundo, mas no aquém da história.

A deidade da transreligião em construção – a que inspira esperança, engajamento intelectual e amor devoto – passa a ser fervorosamente almejada, principalmente, em razão da constatação da não assistência do ser superior das religiões, já que o ócio dos seres divinos revela a ausência providencial dos seres superiores em prol do mundo e das pessoas. Na ausência da providência, o previdente potencial humano – causa primeira do *deus por vir* – assume a mais radical responsabilidade, a da preservação da vida no *status* da existência.

O *Terasem* inaugura um peculiar modo de ser, viver e acreditar. A partir do que se afirma, tendo como referência o que se desenvolveu neste artigo, é oportuno retomar a questão formulada na introdução: se há coisas novas debaixo do sol. Ao revisitar a pergunta introdutória, em conexão com a análise do Movimento Terasem, é possível sustentar que, embora o anseio humano por superar a finitude atravesse a história das religiões, o que aqui se apresenta como inédito é a gramática tecnocientífica por meio da qual esse anseio é reinterpretado.

É válido afirmar que não se trata de uma nova inquietação existencial, mas de uma nova forma de elaboração simbólica e prática da esperança escatológica, agora deslocada do âmbito do metaempírico para o potencial humano ampliado tecnologicamente. Em união a esse contexto tecnocientífico, o que fortalece a fé tecnófila, pode-se afirmar que há, sim, algo novo debaixo do sol: uma configuração transreligiosa tecnófila que reinscreve a transcendência como projeto, a salvação como processo e a continuidade da existência como

possibilidade inscrita na história.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Laurent. **A morte da morte: como a medicina biotecnológica vai transformar profundamente a humanidade**. Barueri: Manole, 2018.

ARAGÃO, Gilbraz. Leitura transreligiosa da diversidade espiritual. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira et al. (org.). **Pluralidades**. São Paulo: Editora Recriar, 2023.

CABRAL, J. F. R. S. **Crenças transumanistas: a superação do envelhecimento, o fim da morte e o advento do fibiogenital**. 2024. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2024. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1853>. Acesso em: 8 jul. 2024.

CORDEIRO, José Luis. **A morte da morte: a possibilidade científica da imortalidade**. São Paulo: LVM, 2019.

FERRY, Luc. **A revolução do amor: por uma espiritualidade laica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FERRY, Luc. **Depois da religião: o que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?** Rio de Janeiro: Difel, 2008.

GABRIEL, Martha. **Inteligência artificial: do zero ao metaverso**. Barueri: Atlas, 2022.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HUMANITY+. **About Humanity+**. 2026. Disponível em: <https://www.humanityplus.org/about>. Acesso em: 25 jun. 2026.

ISAACSON, Walter. **A decodificadora: Jennifer Doudna, edição de genes e o futuro da espécie humana**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

LEE, Kai-Fu; QIUFAN, Chen. **2041: como a inteligência artificial vai mudar sua vida nas próximas décadas**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2023.

LUDUEÑA ROMANDINI, Fabián. **A comunidade dos espectros I: antropotecnia**. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2013. E-book.

LUDUEÑA ROMANDINI, Fabián. **Princípios de espectrologia: a comunidade dos espectros II**. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2018.

LUDUEÑA ROMANDINI, Fabián. **Summa cosmologiae: breve tratado (político) de imortalidade (a comunidade dos espectros IV)**. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2021.

MANZATTO, Antonio; PASSOS, João Décio; VILLAC, Sylvia. **De esperança em esperança: escatologia**. São Paulo: Paulus, 2009.

NOVAIS, Maria Helena de. **O super-homem para além do transumano: Nietzsche e o transumanismo**. São Paulo: Publicação Independente, 2021. Edição do Kindle.

ROCHA, Abdruschin Schaeffer; OLIVEIRA, Vinícius Silva de. Terasem movement como representação do sagrado transformado em produto tecnológico. **Davar Polissêmica**, v. 17, n. 1, p. 304-319, 2023. Disponível em: <https://revista.fbmng.edu.br/index.php/davar/article/view/137/99>. Acesso em: 24 jul. 2024.

ROTHBLATT, Martine. **Virtualmente humanos: as promessas — e os perigos da imortalidade digital**. São Paulo: Cultrix, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Neo-humano: a sétima revolução cognitiva do sapiens**. São Paulo: Paulus, 2022.

SANTOS, Agripino. **Tecnonatureza, transumanismo e pós-humanidade: o direito na hiperaceleração biotecnológica**. Salvador: JusPodivm, 2020.

SHATZER, Jacob. **Transumanismo e a imagem de Deus: a tecnologia de hoje e o futuro do discipulado cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2022.

TERASEM FAITH. **The truths of Terasem**. 2024. Disponível em: <https://terasemfaith.net/beliefs/>. Acesso em: 26 jul. 2024.

VALERA, Luca. Três teses sobre o transumanismo. In: OLIVEIRA, Jelson; LOPES, Wendell E. S. (org.). **Transumanismo: o que é, quem vamos ser**. Caxias do Sul: Educs, 2020.

WIENER, N. **Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos**. São Paulo: Cultrix, 1978